

**CARL GUSTAV JUNG E SIGMUND FREUD: POR UMA HISTÓRIA DAS
EMOÇÕES EM SUAS CORRESPONDÊNCIAS (1906-1923)**

Fernanda Dayara Salamon
Licenciada em História pela UEL
Mestranda em História Social PPGHS-UDEL
fernanda-dayara@hotmail.com

Resumo: A relação entre C. G. Jung (1875-1961) e S. Freud (1856-1939), ocorrida no início do século XX, foi emblemática e complexa. A partir das correspondências de Sigmund Freud e Carl Gustav Jung, almejamos refletir sobre o modo que suas emoções contribuem para a compreensão de suas trajetórias enquanto profissionais e personagens históricos. O nosso objetivo central é apresentar as cartas e demonstrar a exequibilidade do estudo das emoções nas mesmas às quais os intelectuais devotavam grande parte de seus dias, utilizando-as como ferramenta de organização afetiva. Compreendemos que as emoções são formas privilegiadas de entendimento da motivação humana, isto é, através do que aborrece, intimida ou envaidece, temos de uma forma mais nítida o que estimula ou desestimula ações que se inscrevem na História, além disso, a partir de um olhar sobre as emoções compreenderemos de forma sensível o modo como intelectuais do vigésimo século viveram suas experiências. Metodologicamente, utilizaremos instrumentos do campo da História das Emoções, emergente no Brasil, para pensarmos como se estabeleceu a relação discípulo-mestre e as consequências que este vínculo e ruptura proporcionaram para a história do século XX.

Palavras-chave: C. G. Jung; S. Freud; História das Emoções; correspondências.

Sigmund Freud e Carl Gustav Jung promoveram, no início do século XX, uma movimentação que rendeu frutos e controvérsias, tocando e influenciando cientistas de diversos campos nos anos subsequentes à elaboração de seus postulados teóricos. Estiveram juntos por um período que almejavam consolidar a psicanálise e, apesar de o rompimento posterior, tinham em comum o interesse por compreender as causas do sofrimento de seus pacientes e proporcioná-los bem-estar mental.

Em meio a transformações políticas, econômicas, sociais e também culturais ocorridas no vigésimo século, a considerar sua complexidade, podemos tomar esses anos – como historiadores – a cada geração, com um esforço renovado para compreendê-los,

visto a diversidade de documentação e fenômenos históricos, somado à fartura de olhares com que é possível realizar uma análise historiográfica acerca de um único objeto. Trabalhamos com um olhar sensível, buscando identificar nas sutilezas da troca de correspondência entre os dois intelectuais as idas e vindas, as questões geradas por esta comunicação escrita que tomava grande parte de suas vidas.

Em princípio as duas personagens – Jung e Freud – fizeram parte de uma tendência apontada por Shorscke (1990), historiador interessado no século XX, que é a dissociação de categorias estruturantes e a criação de suas próprias. Foi o que ocorreu com a psicanálise: grupo pequeno formado por interesses comuns que se transformou em uma base teórica que amalgamou correntes diversas e construiu arcabouço teórico para discussão da ética, cultura humana ou moralidade

Freud e Jung, em meio ao contexto desenvolvimentista que Hobsbawm (1995) apresentou em *A Era dos Extremos: o breve século XX*, trouxeram de volta o elemento sensível, emocional, que teve sua última atuação no romantismo do fim do século XVIII e pela maior parte do XIX, com inspirações nacionalistas, mas provenientes de momentos subjetivos, por meio da fé, do sonho, da saudade, das lendas, entre outras inscrições afetivas que não partiam exatamente do indivíduo em sua completude.

C. G. Jung, psiquiatra e mentor da psicologia analítica nasceu em *Kesswil*, na Suíça, se formou em medicina pela Universidade da Basileia e iniciou sua vida profissional em Zurique, na Clínica Psiquiátrica *Burgholzli*, começando sua colaboração com Sigmund Freud, em 1906. Este último foi médico neurologista e o “pai” da psicanálise; nasceu em família judaica em *Freiberg in Mähren*, que pertencia naquele momento ao Império Austríaco, hoje à República Tcheca. Ingressou na Universidade de Viena em 1873, e se graduou em medicina em 1881. Em 1902, foi fundada a primeira sociedade psicanalítica: a Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras¹, contando com Freud, Alfred Adler² e outros intelectuais judeus. O primeiro a integrar o grupo que não era judeu foi o protestante, C. G. Jung e isso foi muito importante para Freud, já que temia que não houvesse adesão do público em geral ao movimento psicanalítico, por dar impressão que se referia somente a judeus.

O nosso principal objetivo neste texto é discutir a exequibilidade da análise das emoções de ambos médicos nas correspondências trocadas entre 1906 e 1923; desta

1 Foi criada por S. Freud para debater e fazer crescer os seus postulados teóricos da psicanálise.

2 Psicólogo austríaco, fundador da psicologia do desenvolvimento individual.

forma, perseguiremos as sutilezas apresentadas nas fontes e o modo como suas emoções, estas que são historicamente construídas, contribuem para a compreensão de suas trajetórias como profissionais e personagens históricos. É importante destacar, que ao refletir sobre emoções ocorridas ao longo da trajetória destes indivíduos seremos levados a compreender de um modo maior tal ruptura envergou consequências para suas vidas e obras.

O modo pelo qual nos propomos a trabalhar com estas 360 cartas (164 de Freud, 196 de Jung e mais 7 de Emma Jung (1882-1955³) – segundo a contagem de William McGuirre, organizador das edições em português e alemão que estamos utilizando, visa explorar qualquer sinal que possa indiciar algum tipo de cuidado, de emoção circunscrita direta ou indiretamente na documentação. Certamente iremos nos centrar nos textos, entretanto, daremos atenção aos postais, às rasuras da documentação original, ao que possa nos dar algum indicativo sensível, para além da construção do conteúdo da carta.

A edição das cartas trocadas entre Freud e Jung que estamos estudando é intitulada “Freud/Jung: correspondência completa”, e publicada em 1974 – cujo título original é *The Freud/Jung Letters*, publicado pela *Hogarth Press Ltd. e Routledge & Kegan Paul Ltd* em Londres em 1964 – desta publicação é que foram feitas as principais traduções. O nosso acesso é a publicação da edição mencionada do ano de 1976 no Brasil, traduzida por Leonardo Fróes e Eudoro Augusto Macieira de Souza pela Imago Editora no Rio de Janeiro.⁴

É importante notarmos a forma de organização adotada por McGuirre em sua publicação, isto porque necessitamos fazer uso do seu modo de dispor as cartas e aperfeiçoá-lo. Ele criou um sistema simples de numeração das cartas em sequência, seguido da letra maiúscula da inicial do remetente da carta, assim, na carta 148, por exemplo, uma carta escrita por Jung, é feita a marcação “148 J” antes da transcrição do local e da data feita por Jung ou por Freud, no canto superior direito, seguido da saudação abaixo, mas à esquerda, que indicava o temperamento do escritor. Ao terminar o conteúdo da carta, findavam com um “atenciosamente”, “sinceramente” ou “com estima” e por fim a assinatura do remetente.

3 Psicoterapeuta e autora suíça, foi esposa de C. G. Jung.

4 Utilizamos as edições em português, inglês e alemão. Esta é uma importante opção metodológica, pois, afasta equívocos por má tradução, uma vez que o idioma original (alemão) não é latino, então a tradução é bastante interpretativa.

Quanto aos textos originais, o papel utilizado era geralmente um bloco médico timbrado com o nome de quem estava enviando a correspondência. Por vezes poderia modificar o suporte, sendo um papel do local onde estavam (por exemplo um hotel onde estavam hospedados), ou ainda, um escrito em um cartão-postal. A maioria das cartas enviadas por Jung eram manuscritas, ao passo que algumas escritas por Freud e encaminhadas à Jung eram datilografadas. Buscamos em nossa pesquisa versar e dialogar com os textos transcritos e as cartas originais digitalizadas e por isso, o nosso esforço irá além das observações de McGuirre.

Há informações relevantes no prefácio da publicação das cartas escrito por McGuirre (1973): a apresentação do percurso histórico das correspondências, dos registros particulares até a publicação comercial. A primeira carta foi enviada por S. Freud, no dia 11 de abril de 1906 e o assunto principal foi um agradecimento sobre o texto enviado por Jung, acerca da teoria de associação de palavras⁵, desde então o contato entre a Escola de Zurique – os principais mentores são Eugen Bleuler⁶ (1857-1939) e C. G. Jung – e a psicanálise.

A melhor forma de perseguir e compreender a história da relação estabelecida entre Freud e Jung a partir de 1906 é através da correspondência, isto porque foi o meio que manteve os dois médicos conectados em assuntos corriqueiros, profissionais, intercâmbio de informações e opiniões, troca íntima de notícias familiares, comentários sobre colaboradores e adversários, como também o estabelecimento de relação, confiança e afeição, mal-entendidos até a ruptura final. (McGUIRRE, 1976, p. 19).

O interesse pelas cartas trocadas entre o suíço e o vienense ocorreu pela disposição de Alfred Ernest Jones (1879-1958)⁷ que assumiu a empreitada de escrever uma biografia de Freud, as informações contidas no material epistolar lhes seriam muito caras. C. G. Jung foi resistente em autorizar a publicação do material, fez o que pôde para dificultar os caminhos de junção e publicação, instruindo os responsáveis que ficaram após sua morte a serem criteriosos com a liberação do material para pesquisa. Foi um longo

5 Consiste em uma lista de aproximadamente cem palavras proferidas pelo analista, no qual o analisando reage com outra palavra que surge em sua mente e essa resposta é registrada e marcada com cronômetro. Depois, fazendo o mesmo procedimento, a pessoa deveria responder as mesmas coisas, o que não ocorre na maior parte dos casos, então o erro é o mais importante neste método.

6 Psiquiatra suíço, por muitos anos chefe de C. J. Jung, estudioso da esquizofrenia e realizador de um trabalho importante na Universidade de Zurique.

7 Neuropsiquiatra e psicanalista galês.

processo, portanto, até esses conjuntos documentais se encontrarem e tornarem-se uma única narrativa e publicação.

Em 1956 houve um primeiro passo a tentar organizar esses documentos em uma parceria feita pelo *Freud Archives*⁸, Anna Freud (1895-1982)⁹ e o *C. G. Jung Institut Zürich*¹⁰, com a transcrição submetida à análise de pessoas que acompanharam de perto o momento de contribuição entre os intelectuais. Houve um período que ficaram estáticas as questões acerca desta documentação, neste meio tempo, Jung consultou pessoas próximas sobre o conteúdo da correspondência, pois achava que não era possível publicar sem uma revisão, visto que as cartas não foram produzidas pensando em um propósito de ampla divulgação. (McGUIRRE, 1976, p. 25-28).

Após a morte de Jung realizou-se uma reunião com familiares, discípulos e editores para debater sobre a editoração e publicação das correspondências; em 1969 consentiram que as decisões deveriam ser tomadas enquanto haviam pessoas vivas que conheciam os dois intelectuais para colaborarem na edição. No começo do ano de 1970 Franz Jung (1888-1963) foi até Londres ao encontro de Ernst Freud (1892-1970) para finalmente permutarem as cartas de seus pais e traçarem planos para rápida publicação das correspondências, que deveriam ser tratadas sobretudo como documento histórico. (McGUIRRE, 1976, p. 32-33). As cartas originais de Freud foram compradas de seus herdeiros pela Biblioteca do Congresso¹¹ e as originais de Jung permanecem no Instituto C. G. Jung e sua venda está proibida.

Em relação à estrutura das cartas, podemos dizer que não havia padrão para a extensão, a depender do assunto tratado; caso estivessem dialogando sobre um quadro clínico a carta poderia ser mais extensa, mas poderia também ser simplesmente informativa, e, desta forma, um escrito breve. Sobre a brevidade, é interessante destacar que sempre se desculpavam caso escrevessem pouco – normalmente por motivos de estarem atarefados com outras coisas – indicativo de que a carta era um deleite, então sempre era bem-vinda a sua corpulência. A linguagem, em geral, é de simples compreensão para nós leitores externos, exceto quando faziam uso de alguns termos médicos específicos.

8 Fundação independente, fundada em 1951 que se dedica em coletar, conservar e disponibilizar para uso acadêmico todos os escritos pessoais e psicanalíticos de S. Freud.

9 Psicanalista e filha de S. Freud.

10 Localizado em Zurique e fundado em 1948 pelo próprio C. G. Jung.

11 A instituição mais antiga dos EUA, é a biblioteca nacional deste país.

Em algumas ocasiões Freud e Jung se encontraram pessoalmente e então não temos registro do diálogo que travaram; isso importa ser mencionado, pois, retomavam na correspondência assuntos que haviam conversado anteriormente e que às vezes não se encontram nas cartas que precedem o assunto citado. Os textos eram bastante específicos, tratavam de assuntos caros aos dois médicos e frequentemente exprimiam opiniões sobre escritos de seus colegas e faziam juízos deles em alguns casos, o que pode ser um motivo pela recusa de C. G. Jung em aceitar a publicação das cartas.

Apresentaremos a tipologia desenvolvida para as cartas com o objetivo de explorar e sistematizar a documentação, a aproximar o leitor da organização de nossa fonte. Em um primeiro momento enumeramos as cartas, não uma contagem para cada um dos médicos, mas sim uma contagem até o número 360, que é o número total de cartas. Depois, criamos um código para cada carta que traz quatro informações importantes: o remetente, a posição cronológica da carta, local, e o ano que a carta foi endereçada, temos a seguir um exemplo: F.1.V.1906. O F se trata da inicial do remetente, que no caso é Freud, depois do lugar dela na cronologia, é a primeira carta; temos então o local, neste caso foi enviada de Viena e, por fim, o ano de envio. Esta se trata da primeira troca entre eles, já mencionada, quando Freud agradece o texto enviado por C. G. Jung.

Após o código que criamos, colocamos o código criado por McGuirre, por exemplo o 148 J, já citado. Em seguida, identificamos a paginação de cada uma delas em cada um dos idiomas; há um espaço na ficha para colocar a resposta à qual carta, como também o nome e local do remetente. Na sequência da ficha temos o assunto principal, um espaço para colocarmos o que estamos compreendendo como uma ocorrência emocional e dois lugares dedicados a observações sobre Freud e observações sobre Jung, que contribuirá para realizarmos algumas conexões percebidas nas entrelinhas do texto, entre uma carta e outra, após uma leitura cuidadosa e exaustiva. E, por fim, há um espaço para fichamento de trechos imprescindíveis, que depois facilitem a busca e cruzamento de informações na fonte ou observação sobre alguma parte do escrito.

Creemos que, com o preenchimento nas fichas específicas para cada carta, teremos as informações dispostas de um modo dinâmico, para que assim consigamos fazer uma análise profunda de quais são as emoções dispostas nas correspondências. A intenção maior é construir uma rede de emoções e compreender em qual contexto elas estão dispostas, para que consigamos selecionar de um modo mais específico os elementos emocionais que expliquem o modo de funcionamento da relação estabelecida por meio

das cartas. Entendemos, assim, que a emoção tem função, isto é, ela exerce uma construção ou uma desconstrução de expectativas ou decepções em uma relação estabelecida com o outro, com um objeto ou com um fenômeno.

De que modo olhamos para fenômenos históricos a partir das emoções? Considerando a amplitude de tais questões, nos restringiremos a pensar as emoções – em diálogo com historiadores – nas cartas e intencionamos que o leitor compreenda o modo como vemos as emoções e como elas podem ser trabalhadas dentro do conjunto documental epistolar que apresentamos. A carta é um documento fértil para pensarmos as emoções, pois se trata de um documento privado, endereçado; quando é em meio a um movimento de construção de relação é ainda mais interessante perceber o desenvolvimento de um diálogo onde há interesse mútuo.

A história das emoções é um campo da pesquisa histórica concernente às emoções humanas, iniciado no século XX com autores como Lucien Febvre e Peter Gay, e, desde então, há uma gama crescente de abordagens metodológicas sendo aplicadas no campo da História. Esse instrumental tem contribuído para a História Cultural ao expandir as fronteiras dos objetos dos historiadores ao compreender as emoções como agentes historicamente construídos e construtores de historicidade. Além disso, oferece aos profissionais da História interessantes compreensões das motivações humanas, uma vez que um fenômeno histórico tem como agentes principais os homens e as mulheres, dotados de sensibilidades e afetos.

Apesar de ser um campo ainda pouco prestigiado, especialmente na historiografia brasileira, devemos perceber que as emoções são efêmeras, circunstanciais, inscritas no tempo. Emoções são processos. O que deflagrou a emoção? O que foi consequência da emoção? Cremos ser um amplo campo a explorar: no jogo da validação e legitimação das ciências, a razão se consolidou, mas as emoções não. Considerando a dificuldade pessoal de organização das próprias emoções do indivíduo, não difere a organização do estudo das emoções no passado, é bastante laborioso perseguir um lapso, um instante, que ocorreu em um tempo e um espaço e que porventura deflagrou consequências drásticas e longas, entretanto, eis a nossa tarefa!

Theodore Zeldin¹² escreveu em 1982 um texto para o *Journal of Social History*, fazendo um interessante chamado aos historiadores a repensarem seus métodos de

12 Historiador inglês, é catedrático do *St Anthony's College* em Oxford, professor visitante de *Harvard e University of Southern California*. Consagrou-se em 1994, ao publicar uma história íntima da humanidade.

trabalho. Insistiu na autonomia dos mesmos, com a inserção de experiências próprias em suas investigações, independentemente do método que está em voga no momento da produção historiográfica, com o objetivo de não apenas somar conhecimento para vários fenômenos estudados, mas também reinterpretar e recriar o passado (ZELDIN, 1991, p. 35-36). Além disso, argumentou sobre a importância da compreensão do indivíduo, de sua autoconsciência e de seus estados emocionais para ampliar o conhecimento do passado e do presente: “Considera-se o indivíduo como o átomo da história, e pensa-se que é hora de os historiadores tentarem dividir seu átomo, estudando suas partes constituintes de um modo mais cuidadoso.” (ZELDIN, 1991, p. 32). A este modo cuidadoso que se refere, que constitui o indivíduo, ele realçou as emoções, fazendo um breve panorama desta história que estava “ainda por nascer” (ZELDIN, 1991, p. 39). Ofereceu, ainda, algumas formas de pesquisa, como também trabalhos que poderiam ser desenvolvidos a partir deste olhar. É na esteira do pensamento deste autor que buscamos desenvolver nossas próprias abordagens, elaborando um modelo próprio para construir a análise historiográfica das emoções nas correspondências.

“*Anyone interested in the history of emotions – whether student, researcher, or simply curious reader – will find the terrain difficult without a map.*” (ROSENWAIN, 2018, p. 2). Como afirmou a historiadora das emoções Bárbara Rosenwain¹³, os interessados no campo da história das emoções encontrarão um local difícil e sem mapa, sem orientações, isto é, o pesquisador precisará estar atento às especificidades de seu trabalho e realizar o seu próprio caminho em diálogo com o que já foi produzido. Em seu último texto sobre o tema das emoções na história “*What is the History of Emotions?*” de 2017, Rosenwain acenou para as principais “avenidas” do tema e terminou com um olhar para o futuro do campo.

Em um texto mais antigo Rosenwain (2011), quando iniciava a investigação acerca das emoções, publicado no Brasil pela Letra e Voz, intitulado “História das emoções: problemas e métodos”, fez um panorama acerca das teorias que embasaram os estudos dos afetos. Apresentou a visão universalista que aposta em uma emoção estática, a visão evolucionista que desafia as universalistas, insistindo na adaptação e, por fim, o construcionismo social que entende que as emoções são moldadas pelas sociedades que o inserem, excluindo as dimensões históricas. Em seu livro publicado em 2017 já citado,

13 Medievalista e historiadora das emoções, autora do conceito “comunidades emocionais”.

ela retoma e aprofunda a discussão e também explicita uma das maiores dificuldades do pesquisador das emoções que é a definição do que é de fato uma emoção:

The history of emotions relies on some sort of conception of what an emotion is. This is more problematic than it seems at first glance. How do we know – ironic as it may seem – that an emotion is an emotion? We know (or think we know) the answer. “How do you feel about that?” ask our relatives, spouses, friends, our therapist, or a TV reporter. “Happy,” or “angry”, we say, or we burst into tears, or our hearts beat faster. But how exactly are those words, tears, and beating hearts signs of emotions, or emotions themselves? What makes those words, gestures, and the concepts they embrace “emotions”? Are we born with them? Or do we learn them? Are they rational or irrational? Do we really know how we feel, or might be better to say that emotions involve something beyond our knowledge?” (ROSENWAIN, 2018, p. 2)

A compreensão sobre o que identificamos como emoção – como seres humanos em geral – foi modificada ao longo do tempo; é comum, no presente, pensarmos se determinada sensação é emoção ou sentimento, mas é demasiado identificável para um ser humano – que sente - o que tem relação com os afetos, com o íntimo, entretanto, ao pensar tais questões cientificamente, é preciso identificar a partir de qual campo se quer pensar a emoção: a linha de pensamento psicológica, religiosa, artística, histórica, entre outras. Até o século XVIII as emoções foram entendidas como afetos e paixões humanas, as volúpias desmedidas; a partir do XIX a centralidade esteve com a razão e a emoção compreendida como algo a ser detido, controlado; e no século XX, de um modo pulverizado, com a emergência da psicanálise com Freud, Jung e mais tarde com Lacan é que foi redimensionada a compreensão deste aspecto subjetivo, com a fragmentação dos sentimentos do século XIX, para as emoções no XX.

Temos dentro do olhar sobre as emoções diferentes autores que trabalham com ferramentas metodológicas diversas (LE BRETON, 2019; REDDY, 2001; ROSENWAIN, 2011, 2018;). Bárbara Rosenwain, por exemplo, utiliza o conceito de “comunidades emocionais”; tratam-se, segundo a autora, de grupos sociais cujos membros aderem as mesmas valorações sobre as emoções e suas formas de expressão. Há, por exemplo, uma comunidade emocional da qual fazem parte Freud e Jung e que compartilham sensações, nunca iguais, mas semelhantes.

O historiador que se debruça sobre isso procura desvendar os sistemas de sentimento, estabelecendo o que essas comunidades (e os indivíduos em seu interior) definem e julgam como valoroso ou prejudicial para si (pois é sobre isso que as pessoas expressam emoções); as emoções que elas valorizam, desvalorizam ou ignoram; a natureza dos laços afetivos entre as pessoas que

eles reconhecem; e os modos de expressão emocional que eles pressupõem, encorajam, toleram e deploram. (ROSENWAIN, 2011, p. 22)

Há diversos caminhos que podem ser trilhados dentro deste campo metodológico, desta forma, estamos nos aprofundando na documentação e pesquisando os caminhos possíveis para dialogar com o que construiremos nesta pesquisa, de modo que não simplesmente utilizemos uma fórmula construída por um teórico das emoções, mas elaboraremos um modelo que atenda às necessidades de nossa pesquisa, considerando e interagindo com o que foi produzido até agora na historiografia das emoções. Separaremos a análise das emoções em duas partes: o que são as emoções particulares de Freud e Jung e o que são compreensões teóricas deles acerca das emoções; essa organização é importante de ser destacada, pois, isso está exposto de forma tênue nas correspondências.

Por fim, dedicaremos uma atenção especial ao cruzamento das fichas apresentadas junto à bibliografia consultada. Esta parte proporcionará um olhar integral, aprofundado e maduro para que possamos, enfim, redigir os nossos procedimentos e resultados. Pretende-se que, através do aparato metodológico apresentado, junto a outros autores que dialogarão com a apresentação das cartas em seguida, seja possível identificar as formas como as emoções desses intelectuais do século XX se inscrevem neste momento histórico e o modo como resultaram em consequências que deixaram marcas para a posteridade.

Selecionamos algumas cartas, inseridas na organização entre 1906 e 1908, para que seja exemplificado ao leitor o modo que estamos realizando nossa leitura para compreensão das emoções nas cartas de Freud e Jung. Trabalharemos com ocasiões que consideramos de maior destaque dentro das cartas selecionadas, considerando os limites do texto.

Apresentamos a carta enviada por Jung no dia 23 de outubro de 1906 (J.4.B.1906), quando a relação dos dois ainda não era consolidada. O que mais chama atenção neste escrito é a mansidão do suíço, afirmando que Freud não precisava se preocupar com suas ideias sobre a teoria da sexualidade¹⁴ e atribuiu à sua falta de experiência qualquer bobagem que pudesse dizer. Podemos falar em humildade? Ou em reverência? Cremos que reverência pode ser mais razoável, pois, apesar de ser um “obediente” à teoria freudiana neste contato inicial, ele tem objeções sobre o modo como o vienense explicava

14 Publicado em três ensaios, a Teoria da Sexualidade de Freud foi publicada em 1905 e abrange o desenvolvimento psicossexual relacionado à infância.

os fenômenos da psique: “Mesmo assim, no entanto, é bastante assustador o modo positivo como o senhor apresenta suas teorias.” (JUNG, 1976, p. 47). Em resposta a última carta, Freud escreveu a F.5.V.1906, esclarecendo, segundo suas concepções, a influência ímpar do fator sexual e com isso transparecendo certa convicção quanto aos críticos que Jung mencionou no último texto: “Quanto às críticas, o melhor é esperar até que os críticos tenham adquirido experiência própria antes de darmos importância a elas.” (FREUD, 1976, p. 48).

As cartas trocadas logo após a visita de Jung e sua esposa Emma Jung são interessantes para perceber as primeiras conexões, expectativas entre os dois médicos de forma mais sólida. Na carta J.17.B1907, Jung chega a reconhecer os complexos¹⁵ aflorados em Viena, isto é, uma excitação com o diálogo que tiveram e com a personalidade de Freud junto a uma frustração com o pouco tempo que tiveram; nas palavras de Jung: “foram efêmeras demais as poucas horas que passei ao seu lado” (JUNG, 1976, p. 67). Ainda nesta carta ressalta a importância imensa que teve a visita que fez a Freud e comenta que Binswanger (1881-1966)¹⁶ há de ter comentado acerca da “tremenda impressão” que Freud ocasionou a Jung. Na carta F.18.s/l.1907¹⁷, Freud decidiu escrever em um outro papel para ele se sentir mais à vontade ao escrevê-la, o que denota um interesse em ter um diálogo mais particular com Jung, não somente ligado ao fato de serem médicos pesquisadores. Freud escreveu que a visita de Jung foi prazerosa e gratificante, depois dela passou a ter confiança no suíço em relação ao futuro, achando que ele próprio poderia ser substituído pelo Jung que conheceu, incitando de forma elogiosa, artifícios para que o suíço não abandonasse a obra: “Estou certo de que não abandonará essa obra, pois já se aprofundou muito nela e com seus próprios olhos pôde ver como é belo, amplo e excitante o nosso tema.” (FREUD, 1976, p. 68).

Em alguns casos S. Freud e C. G. Jung estão tratando de assuntos objetivos, racionais, casos de pacientes e, assim, somos levados a questionar quanto à possibilidade

15 Utilizado essencialmente por C. G. Jung para designar fragmentos soltos de personalidade ou grupos de conteúdo psíquico separado do consciente; possuem funcionamento autônomo no inconsciente e podem influenciar o consciente. Na terminologia freudiana é associada a conjuntos de representações inconscientes na vida do sujeito: o complexo de Édipo e o complexo de castração.

16 Psiquiatra suíço, pioneiro da psicologia existencial, apesar de algumas discordâncias com Freud, manteve amizade com ele até sua morte, em 1939.

17 Quando não está identificado o local na carta, denominamos não com a inicial do local, mas com a sigla “s/l”.

de analisar a partir da historiografia ou da antropologia das emoções tais casos. Partindo das reflexões de David Le Breton¹⁸, pensemos:

O gozo do mundo é uma emoção que cada situação renova de acordo com suas próprias cores. Mesmo a atividade de pensar não escapa a esse filtro. O homem não se insere no mundo como um objeto atravessado de sentimentos passageiros. Intrincado em suas ações, relações com os outros, com os objetos que o entornam, com o seu meio, etc., ele está permanentemente sob influência dos acontecimentos e sendo por eles tocado. Mesmo as decisões mais racionais ou “frias” envolvem a afetividade. São processos embasados em valores, significados, expectativas etc. Seu processamento envolve sentimentos, o que diferencia o homem do computador. O “coração” e a “razão”, longe de se dispersarem, entremeiam-se de forma necessária, influenciando-se mutuamente [...] Existe uma inteligibilidade na emoção, uma lógica que a ela se impõe; da mesma forma, uma afetividade no mais rigoroso dos pensamentos, uma emoção que o condiciona. (LE BRETON, 2019, p. 138)

Subscrevemo-nos à compreensão de Le Breton acerca da permanência com que somos tocados por fenômenos, objetos e pessoas a todo momento, de modo que ao escolher falar de um assunto e não de outro, respondem a expectativas, à explicações e consequentes valores que se busca sustentar, isto é, as emoções estão intrincadas nas ações do homem, como afirma o autor, mesmo que não esteja racionalizado que esteja sendo passado por um filtro emocional. Considerando que nossos autores estão bastante atentos aos elementos afetivos, por ser objeto de suas análises, é laborioso separar seus próprios elementos emocionais de seu trabalho acadêmico, isto pode ser observado na trajetória intelectual e pessoal tanto do suíço quanto do vienense: suas obras estão intrinsecamente relacionadas à suas vidas particulares (JUNG, 2016; HANNAH, 2003; GAY, 2012; ROUDINESCO, 2016) e, por isso, em meio a algumas formalidades, ainda é possível identificar tons sensíveis acerca das subjetividades dos autores.

Na carta F.27.s/1.1907 Freud agradece pelos elogios de Gradiva¹⁹, que Jung chamou na última carta (J.26.B.1907) de magnífica e pontua que acredita mesmo que merecia elogios, por ter escrito o texto em dias bons: “o livrinho foi escrito em dias ensolarados e me deu grande prazer.” (FREUD, 1976, p. 92). Notamos nesta carta e em outras subsequentes a necessidade de exaltação por este trabalho citado, mas ele ainda

18 Sociólogo e professor na Universidade de Strassburg II, é um dos mais conhecidos autores da corporeidade, com diversas obras publicadas na França e no Brasil.

19 Texto publicado por Freud em 1907, foi pioneiro entre estudos psicanalíticos na literatura. Gradiva se refere a um deus mitológico moderno, que suscitou o texto de Wilhelm Jensen, escritor e poeta alemão, do qual Freud elaborou seu construto psicanalítico denominado “O delírio e os sonhos da ‘Gradiva’ de W. Jensen”.

pondera: “Para dizer a verdade, uma declaração como a sua significa mais para mim que a aprovação de todo um congresso médico” (FREUD, 1976, p. 93). A partir desta última citação temos a demonstração do quanto o vienense não se importava em convencer seus oponentes (isso é o que demonstra e não necessariamente o que desejava em seu íntimo), quanto à importância que atribui às opiniões de Jung. Nesta carta de Freud é importante salientar que foi escrita de um modo rico em detalhes após os elogios e a “defesa da causa de Freud” - especialmente no que toca às questões sexuais – na carta anterior em que Jung era o remetente (J.26.B.1907). E assim termina a carta: “Quando os intervalos se prolongam, sinto muito a falta de suas cartas” (FREUD, 1976, p. 93), que clarifica o afeto, a agradabilidade que proporcionava se relacionar com Jung neste início do ano de 1907: ainda era jovial o vínculo que estavam construindo.

A carta F.70.V.1908 possui aspectos emocionais que certamente influenciaram as consequências da relação entre Freud e Jung. A primeira coisa que o vienense escreve é sobre a saudação inicial, esta que introduz o temperamento do escrito, sempre interessante ser observada, pois ela foi modificando ao longo do tempo, como nesta carta em que Freud que dispensou o “colega” que vinha escrevendo em todas as cartas até o momento para somente “Caro amigo” e não “Caro amigo e colega”. Dificilmente Jung modificou o modo de chamar Freud, em geral iniciou suas cartas com “Caro Professor Freud”, o que demonstra um modo de considerá-lo sempre como alguém que pudesse ensiná-lo, um mestre. No momento em que Freud enviou esta carta, estava organizando junto à Jung um evento em *Salzburg*²⁰ para discutir suas pesquisas e os casos de seus pacientes, dentro do grupo dos adeptos da psicanálise e, sobre o aceite dos trabalhos para o evento, Freud escreveu na carta de 17 de fevereiro de 1908 que Jung deveria colocar um tempo para as comunicações e rejeitar algumas, fala especialmente de seus alunos, que eles não possuíam grandes considerações por Freud e isso dificultava colocar-lhes um “freio”, ele diz na carta que um estrangeiro – no caso, Jung – os vienenses ouviriam. Freud termina esta carta lamentando pelo pouco tempo em paz que terá com Jung em *Salzburg*.

Após a última carta enviada por Freud, em meio a uma ansiedade pela resposta de Jung, Freud enviou uma segunda carta, mas iniciou se explicando: “Não se assuste: prometo, depois dessa, uma longa pausa.” (FREUD, 1976, p. 165). O assunto principal desta carta era insistir em oferecer a presidência do evento de *Salzburg*, à Eugen Bleuler,

20 Cidade austríaca na fronteira com a Alemanha, foi escolhida por ser um ponto de encontro fácil para os adeptos da psicanálise se encontrarem. O evento iniciou no dia 27 de abril de 1908.

chefe de Jung na Clínica Burgholzi, agora como um pedido pessoal de Freud. Nesta carta ficou transparente o quanto o vienense se limitou em escrever pouco e não parecer tão insistente, como podemos ver ao final da carta: “Decidi que não falaria de mais nada ao começar essa nota.” (FREUD, 1976, p. 166).

Em resposta, Jung enviou a J.72.B.1908, e agradeceu do “fundo do coração” a prova de confiança na mudança da saudação para “Caro amigo” e escreveu também que a amizade com Freud é um dos pontos altos de sua vida e ele não consegue expressar com palavras (JUNG, 1976, p. 166). Ainda sobre amizade deles, Jung sugere que não seja uma amizade entre iguais, mas uma relação entre pai e filho: “Essa distância me parece adequada e natural. E já por si a meu ver ela confere um cunho que haveria de prevenir mal-entendidos e capacitar duas pessoas teimosas a existir lado a lado num relacionamento fácil e livre de tensões”. (JUNG, 1976, p. 166). É significativo pontuar o reconhecimento das personalidades difíceis dos dois nesta última citação, mas Jung encontra e sugere um modo de levar esse relacionamento adiante, assegurado de estar livre de mal-entendidos.

Contudo, podemos observar brevemente o conteúdo e os destaques que fizemos para analisar a relação entre os dois intelectuais. A reverência de Jung, a arrogância de Freud quanto aos seus postulados nas primeiras cartas apresentadas, a impressão marcante para ambos no primeiro encontro que tiveram em Viena, os primeiros passos em direção à intimidade sempre ladeados de tons elogiosos, a ansiedade de Freud apresentada no envio de duas cartas em sequência e, por fim, a adequação proposta por Jung de uma relação entre pai e filho, demonstram de modo diminuto a potencialidade da documentação para explorar a partir do olhar da historiografia das emoções.

Dado o exposto, conseguimos elaborar compreensões acerca da movimentação exercida por Freud e Jung no século XX a partir de um olhar ainda recôndito dentro da história da psicologia contemporânea. Almejamos ter elucidado de modo cognoscível a maneira que conduziremos o trabalho com esta documentação, visto o reconhecimento deste material como uma plataforma privilegiada de análise considerando dois aspectos: 1) por se tratar do meio de comunicação mais viável no período e 2) por proporcionar o tom privativo de algumas informações ou acontecimentos narrados, velejando por um mar de apreciações afetivas, vulnerabilidades, excitabilidades, decepções ou regozijo de um modo mais nítido para o historiador, considerando a impensável leitura de outro público, que não fosse o destinatário e o próprio escritor.

A tipologia de ficha que construímos para cada carta visa explorar todas as potencialidades da documentação, considerando as três “plataformas” das quais estamos fazendo uso: a edição em português, a edição em alemão e as originais digitalizadas. E cada desassossego referente à sondagem de maior qualidade das correspondências, mira o objetivo maior deste texto que é explanar a exequibilidade da análise das emoções nas cartas trocadas entre os dois médicos da psique entre 1906 e 1923.

O nosso modo de olhar a documentação a partir da perspectiva das emoções é plausível por entendermos os mesmos como motores das ações humanas inscritas no tempo. Como um rastro deixado na areia da praia, a emoção, tão efêmera, deixa marcas que se cristalizam: “Ela consiste em um momento provisório, originando-se de uma causa precisa onde o sentimento se cristaliza com uma intensidade particular: alegria, cólera, desejo, surpresa ou medo.” (LE BRETON, 2019, p. 140).

Mulheres e homens constroem trajetórias, carreiras profissionais, constituem família, relações de amizade e inimizade, fazem guerra, destroem povos inteiros, se alimentam, passam fome, envergonham-se, são generosos ou piedosos, mas também vingadores e violentos e, a cada ação destas realizadas, ocorridas em um tempo e espaço por motivações específicas, geram implicações na vida do indivíduo que atua, em seu presente, impactado com o que lhe causou ou causa um efeito benéfico ou maléfico diante de ações e emoções que estabeleceram suas próprias significâncias e caminhos. As cartas trocadas entre Freud e Jung, brevemente apresentadas, apontam a fertilidade das manifestações emotivas para pensarmos as decorrências das mesmas em suas vidas e obras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I. Fontes

FREUD, S; JUNG, C. G. **Correspondência completa**. MCGUIRRE, W. (Org.). Trad. Leonardo Fróes e Eudoro Augusto Maciera de Souza. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S; JUNG, C. G. **Briefwechsel**. MCGUIRRE, W. (Org.). Frankfurt: Fischer Verlag, 1974.

II. Bibliográficas

FEBVRE, L. La sensibilité et l’histoire. Comment reconstituer la vie affective d’autrefois? **Annales d’histoire sociale (1939-1941)**, Estrasburgo, v. 3, n.1/2 , p. 5-20, jan-jun,1941.

GAY, P. **Freud para historiadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. **Freud – Uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HANNAH, B. **Jung Vida e Obra: uma Memória Biográfica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

HOBBSAWM, E. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JUNG, C. G. **Memórias, sonhos, reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

LE BRETON, D. **Antropologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 2019.

REDDY, W. M. **The Navigation of Feeling**. Reino Unido: Cambridge, 2001.

ROSENWAIN, B. **História das Emoções**. Problemas e Métodos. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

_____; CRISTIANI, R. **What is the History of Emotions?** Cambridge: Polity Press, 2018.

ROUDINESCO, E. **Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

_____; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SCHORSKE, C. E. **Viena Fin-de-Siècle: política e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.